

Haroldo Hollanda

Sarney e o PMDB em luta decisiva

"O presidente da República jogou uma carta decisiva". A expressão é do senador Virgílio Távora, do PDS, um dos mais experimentados políticos do Congresso. Segundo ele, o presidente Sarney pôs na mesa de jogo um "four de ases". Recorrendo ainda às imagens do pôquer, advertiu Virgílio que para superar nesse jogo o presidente da República, o PMDB precisaria contar com um *royal street flash*.

Quem deu outra boa imagem da presente situação foi o deputado mineiro Milton Reis, secretário-geral do PMDB. Tendo encontrado os seus companheiros de partido em clima de contrariedade e emoção, provocado pelo pronunciamento presidencial de anteontem, foi ao Palácio do Planalto e lá tentou propor ao presidente Sarney soluções conciliatórias para a questão do mandato. Sarney respondeu que tudo fizera para conciliar, mas que agora não estava mais disposto a ceder um só milímetro nas posições que assumira em face do seu pronunciamento da véspera. Lembrou o secretário-geral do PMDB que o Sarney de ontem era muito diferente do de uma semana atrás, dominado pela tensão. Ontem, segundo o representante mineiro, Sarney estava descontraído, como alguém que tirara de cima dos ombros um peso indesejável.

A carga indesejável o presidente agora a transferiu ao PMDB — constatou o secretário-geral do partido.

Se no PMDB havia protestos, insatisfações e ranger de dentes contra a atitude presidencial, na Frente Liberal o clima era de festa. Na véspera o deputado José Lourenço, líder da Frente Liberal, fizera declarações amargas à imprensa, de críticas ao presidente. Ontem, num telefonema dado a Sarney, José Lourenço não só o felicitou pelas decisões tomadas, como pediu desculpas por possíveis excessos nas críticas cometidas, argumentando que elas tinham o propósito de estimulá-lo a assumir o papel que agora ele se dispõe a cumprir. "Estamos com o Sarney de armas na mão", eis a expressão de triunfo com que o líder do PFL anunciou suas novas disposições políticas.

Numa reunião informal, ontem cedo, em seu gabinete, o deputado Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara, procurava com as suas palavras amenizar os últimos acontecimentos. Mas o deputado baiano Viana Neto manifestou o ponto de vista de que "os militares falaram pela boca de Sarney".

De acordo com um dos mais leais colaboradores políticos do presidente Sarney no Congresso, a partir de seu discurso de anteontem, ele não tem mais caminho de retorno. Ou se afirma para sempre ou se desmoraliza e seu governo estará terminado. Na opinião da personalidade política em questão, o "PMDB estava querendo crucificar Sarney". A respeito da visita do presidente à fazenda do governador Newton Cardoso, de Minas, no último fim de semana, observou o mesmo político que ela se assemelhou muito à viagem que, em 68, fez o então presidente de Gaulle, da França, com o objetivo de procurar reforço político para seu governo, que os estudantes ameaçavam derrubar.

O grande adversário político do governo no PMDB passou a ser o senador paulista Mário Covas, que insiste em sua pregação a favor de um mandato de quatro anos para Sarney. Alega-se ainda que Covas criou todo tipo de dificuldades e embaraços políticos para o governo, ao indicar para relatores das sub-comissões na Constituinte parlamentares do PMDB que sustentam posições contrárias às do Palácio do Planalto.

S alienta-se que até o seu discurso na TV, o presidente da República procedeu com o máximo de tolerância e generosidade com os políticos. Acrescenta-se que Sarney foi, até anteontem, mais um chefe de Estado, cabendo a Ulysses Guimarães a função de primeiro-ministro, junto com outros ministros, como Raphael de Almeida Magalhães, Renato Archer e Aureliano Chaves. Após o discurso, Sarney passou a ser também o chefe de governo, estando disposto a não mais dividir com ninguém as responsabilidades do poder.

Bresser e o PMDB

No encontro de anteontem com um grupo de parlamentares do PMDB especializados em questões econômicas, o ministro Bresser Pereira lamentou que o noticiário procure transmitir uma imagem distorcida de que há um conflito de concepções entre ele e o PMDB. Nessa altura, o deputado gaúcho Irajá Rodrigues interrompeu o ministro para dizer que ele, com sua política econômica, não estava interpretando os sentimentos nem as aspirações do PMDB. Imediatamente, Irajá Rodrigues, coordenador do grupo, foi interrompido pelos deputados Roberto Brant, de Minas Gerais, e José Serra, de São Paulo, os quais disseram que ele não podia dizer que estava falando em nome do PMDB. Sendo Brant e Serra membros do PMDB, os dois achavam que Irajá podia, no máximo, falar em nome de uma corrente, jamais pelo partido como um todo.

Sarney, o céu e a terra

O deputado paulista Roberto Cardoso Alves era um dos poucos parlamentares do PMDB publicamente entusiasmados com a fala do presidente Sarney. Externando sua euforia, o parlamentar paulista recorreu aos símbolos para dizer que Sarney tem mais força do que muitos supõem:

— O Sarney deixou entrever nas entrelinhas que há mais estrelas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia...

PMDB e Governo no Senado

O senador baiano Luiz Viana Filho é da opinião de que as lideranças do PMDB e do governo no Senado devem ser exercidas cumulativamente. Isso a propósito das notícias que aqui publicamos, nas quais setores políticos lembravam o nome de Luiz Viana para líder do governo no Senado. O parlamentar baiano acha que o senador Fernando Henrique Cardoso vem desempenhando com tato e competência a função de líder do PMDB no Senado.

Tom Ameaçador

O deputado Miro Teixeira, do PMDB do Rio, viu um tom ameaçador no discurso de anteontem do presidente Sarney. Conformado, reconheceu: "Mas nós também sabemos que ele não iria nos mandar flores".